



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

DIAGNÓSTICO DO NÍVEL DE CONHECIMENTO DOS DISCENTES LICENCIANDOS EM QUÍMICA PARA COM A MODALIDADE EJA

Caroline Lins Fernandes; Pedro Henrique Luna Nascimento; Maria Janaína de Oliveira.

Departamento de Química, Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, Campus I, Campina Grande-PB

E-mail: clflins@gmail.com

RESUMO

A presença de docentes despreparados para lidar com a Educação de Jovens e Adultos, a qual atualmente inclui os idosos, causa grandes problemas no âmbito educacional no que se refere a essa modalidade de educação. Nesse contexto, é verificado o despreparo e a ausência de informações dentro dos cursos de graduação nas licenciaturas em geral. Os futuros professores, especificadamente, os graduandos em Licenciatura em Química, não recebem instruções, direcionamentos e tão pouco são preparados para trabalhar com uma modalidade completa de especificidades e com grandes diferenças do ensino regular. Levando essas condições em consideração, este trabalho teve como objetivo realizar um levantamento acerca das informações referentes ao preparo dos discentes do curso de Licenciatura em Química para trabalhar com a modalidade EJA, e no que se refere à importância da discussão sobre a Educação de Jovens e Adultos nas disciplinas de cunho pedagógico. A metodologia realizada foi uma investigação quali-quantitativa, a qual utilizou um questionário estruturado, constituído por questões subjetivas e objetivas que foram direcionadas para 24 Graduandos de Química de períodos variados da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Os resultados revelaram que poucos alunos receberam informações específicas voltadas para a EJA, entretanto, esses discentes confirmaram que gostariam que houvesse discussões sobre essa modalidade em sala de aula.

Palavras-chave: Docentes despreparados; Educação de Jovens e Adultos; Ausência de informações.

INTRODUÇÃO

A ausência de informação acerca da modalidade EJA nos cursos de graduação

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) e atualmente, educação também voltada para os idosos, os quais a cada ano ocupam mais espaço dentro da sala de aula, que segundo Coura (2007), está relacionado aos resultados positivos de políticas públicas, que garantam melhorias na qualidade de vida dessas pessoas.

Em conformidade, pode-se observar que dentro de uma sala de EJA é impossível não se deparar com o diferente, corroborando com Coura (2007), que declara ser comum encontrar diversidades quando se tratam de gênero, raça e idade dentro dessa modalidade.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Dessa forma, percebe-se o quanto a Educação de Jovens, Adultos e Idosos pode oferecer desafios não só pela pluralidade, mas também pelas dificuldades que rodeiam toda a educação brasileira. Diante da problemática abordada, surge um questionamento: Será que os futuros professores das disciplinas de Química, estão sendo preparados para lidar com tantas diversidades dentro de uma sala de aula?

De fato, sabe-se que a EJA mesmo sendo um modelo de educação que a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9.394/96 assegura, não apresenta resultados efetivos como esperados. De acordo com Silva e Taan (2009), o Brasil não está familiarizado com uma educação de Jovens, Adultos e Idosos emancipadora. Essa afirmação reflete um dos grandes problemas que impedem esse modelo de educação avançar: o despreparo dos docentes para lidar com a EJA.

Muitos dos professores, parte desses, recém-formados quando assumem uma turma de EJA, sequer receberam alguma informação durante a graduação e também não se interessaram em buscar informações sobre a modalidade. Valim (2008) declara, que são poucas as universidades que oferecem uma formação inicial específica para os discentes que queiram trabalhar em um ensino com tamanhas especificidades, resultando em profissionais totalmente despreparados e tendo como consequência alunos sem o conhecimento adequado, o que acaba frustrando esses discentes e os próprios se responsabilizando pelo seu fracasso escolar, como relata Lopes e Silva (2005), os autores afirmam que a má qualidade da educação voltada para essa modalidade está ligada com a falta de preparo dos professores.

Na realidade, tem-se a visão de que a educação de Jovens, Adultos e Idosos não é considerada como uma modalidade de educação dentro dos cursos de graduação, pois ao se trabalhar com as práticas pedagógicas, componentes estes, que ajudam os graduandos a formular didáticas para que suas aulas não se tornem mera exposição de conteúdos. De acordo com Monteiro (2016), as práticas pedagógicas proporcionam o sucesso no âmbito escolar, por oferecer formação profissional de qualidade. A EJA não é colocada como ponto central nas aulas de cunho pedagógico e muito menos são produzidas práticas voltadas especificadamente, ocasionando uma grande “lacuna” na formação do graduando, pois segundo Scaramussa e Álvaro (2006), é preciso levar em consideração as especificidades encontradas na EJA e assim obter conhecimento para criação de metodologias voltadas para uma educação diferenciada.

Ademais, as disciplinas que são destinadas para os estágios pedagógicos, também muitas vezes, deixam a desejar, pois não há incentivos por partes dos docentes para que os graduandos realizem a atividade de estágio em turmas da



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

EJA e muito menos fazem menção dessa modalidade, que é excluída novamente.

Se os graduandos tivessem a oportunidade de realizar estágios no horário da noite, sem dúvidas adquiririam experiências e conhecimentos a cerca da situação do alunado que ocupa as salas de aula nesse horário e conseqüentemente quebrariam muitos mitos que a sociedade impõe. Diante disso, Machado (2008) tece uma crítica sobre o modo como são vistos os alunos da EJA e afirma que mesmo que esses indivíduos tenham parado de estudar na idade regular, de forma alguma o conteúdo pode ser ministrado de maneira rápida e sem preocupação do entendimento com a desculpa que os alunos estão com pressa para receber o certificado de conclusão. Infelizmente, esse é só um dos muitos mitos que devem ser quebrados para enxergar verdadeiramente os alunos da modalidade.

Com toda essa visão retorcida por falta de debates e informações, os professores tomam para si a responsabilidade e começam a ministrar aulas de qualquer maneira utilizando métodos que deram certo nas turmas de ensino regular, e não há interesse de analisar se o efeito na turma da EJA está sendo benéfico ou não, pois não se preocupam em saber se aqueles alunos com tanta vivência e bagagem de conhecimentos considerados não científicos têm algo a acrescentar, o que para Freire (2002) é a maneira errada para iniciar determinado conteúdo, pois é necessário no primeiro momento explorar os conhecimentos prévios dos alunos. Na verdade, os ensinamentos de Freire passam demasiadamente distantes dessa modalidade de educação.

Não buscar conhecimento é de longe o maior causador de toda essa educação precária que está instalada nas escolas brasileiras. Os docentes saem das universidades preparados somente para ministrar aulas e ser impessoais dentro do seu ambiente de trabalho, fato esse que jamais pode ser admitido, pois seguindo a teoria de Carl Rogers sobre a educação, deve-se sempre existir empatia entre o professor e o aluno para que o discente de fato consiga sucesso, ou seja, é necessário que o docente tome como algo indispensável o cotidiano do aluno, o seu contexto social, principalmente, quando se trata de pessoas que antes de ir estudar tiveram um dia exaustivo, pois estavam trabalhando, cuidando de suas crianças, casas, etc.

Se o docente não percebe, durante a sua formação, que é imprescindível procurar conhecer essas particularidades presentes na EJA e constatar que são alunos totalmente diferentes dos alunos do ensino regular, a educação permanecerá a mesma, com visões generalizadas em relação a essa modalidade educacional.

Futuros professores da disciplina Química e a EJA



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Os graduandos do curso de Licenciatura em Química não são excluídos dessa discussão, compartilhando assim, da falta de despreparo para trabalhar com a modalidade EJA. Dessa maneira, quando precisam enfrentar uma turma acabam ministrando aulas de maneira tradicional, o que é totalmente repellido pelos pesquisadores da área da Educação, os quais afirmam que é necessário levar aulas diferenciadas para os alunos, ainda mais quando se trata de Química, considerada uma disciplina complexa e difícil compreensão.

Porém, esse título pode ser considerado injusto, pois a Química é apresentada aos alunos de forma errada fazendo com que o alunado não a compreenda. Segundo Carvalho (2007), a disciplina de Química, por diversas vezes, não é bem entendida pelos discentes, devido ao fato de considerarem esta ciência como algo abstrato e completamente fora do seu cotidiano e, portanto, inútil para suas vidas. Isso ocorre, pelo fato dos graduandos não conseguirem articular as práticas apresentadas no curso de graduação nas salas da EJA, pois quando essas práticas são apresentadas durante as aulas na universidade, os docentes não levam em conta o tempo reduzido das aulas noturnas e nem as dificuldades que os alunos dessa modalidade enfrentam, afinal, as práticas para melhorar as aulas de Química só servem para o ensino regular e alguns professores tomam essa afirmativa como verdade.

Visivelmente, é inaceitável que professores recém-formados pensem dessa maneira e é ainda mais incompreensível que os professores mestres e doutores tomem a Educação brasileira como uma homogeneidade, ignorando que a mesma é multifacetada. Ao apresentar práticas e experimentos aos graduandos para que a melhoria nas aulas de Química ocorra, o professor necessita priorizar a realidade dos alunos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos que é totalmente diferente da realidade dos alunos regulares, é fundamental inserir essa diferença nas práticas também, todavia, isso não ocorre e os graduandos saem mal qualificados para atuar na EJA. Dessa forma, no momento que precisam ministrar aulas para a modalidade não se preocupam em levar alguma aula diferenciada, pois não foi apresentada a nenhuma dessas aulas aplicadas ao EJA no decorrer da graduação.

Como reposta a essa premissa, a visão dos alunos para com a Química é ainda mais deturpada. De acordo com Medeiros *et. al* (2013), a não articulação entre dois tipos de atividades, estas sendo a teoria e a prática, os conteúdos não serão muito relevantes à formação do indivíduo ou contribuirão muito pouco ao desenvolvimento cognitivo destes. Deste modo, os professores que trabalham na EJA precisam sim levar aulas experimentais para e necessitam articular essas aulas ao cotidiano do discente, acima de tudo, é necessário que esses docentes percebam durante sua formação que a educação de Jovens, Adultos e Idosos existe, que precisa de bons profissionais e é



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

possível levar aulas diferenciadas para esses alunos, basta que estas aulas sejam adaptadas à realidade do alunado.

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo investigar o quanto os alunos de graduação do curso de Licenciatura em Química da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) estão informados e preparados para ministrar aulas na modalidade EJA.

METODOLOGIA

Esse estudo tem como base uma pesquisa de cunho quali-quantitativo que possibilitou a investigação sobre as informações, conhecimento e preparação acerca da Educação de Jovens e Adultos (EJA), incluindo os idosos, recebidos durante a formação dos graduandos do curso de Licenciatura em Química. Foram avaliadas as respostas fornecidas por 24 alunos licenciandos da Universidade da Paraíba – UEPB, Campus I, localizada na cidade de Campina Grande, Paraíba. A coleta de dados ocorreu durante o mês de Agosto do ano de 2016.

A pesquisa pode ser caracterizada como um estudo de caso, já que buscou investigar as concepções de um grupo de discentes atuantes na área de Química. Na visão de Gil (1991), o estudo de caso é caracterizado por ser um estudo exaustivo e em profundidade de poucos objetos, de forma a permitir ao pesquisador, conhecimento amplo e específico do objeto de estudo.

Foi utilizado como mecanismo para a coleta dos dados um questionário investigativo constituído por cinco questões, as quais foram dirigidas aos graduandos, que estavam cursando a partir do quarto período, pois se entende que esses discentes já haviam cursado as disciplinas de cunho pedagógico, sendo suficiente para ter propriedade para responder aos questionamentos impostos sobre a sua formação e interesse voltados para a modalidade EJA.

O questionário continha em sua estrutura questões objetivas e subjetivas, nas quais suas respostas foram expressas através de gráficos, após análise e interpretação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

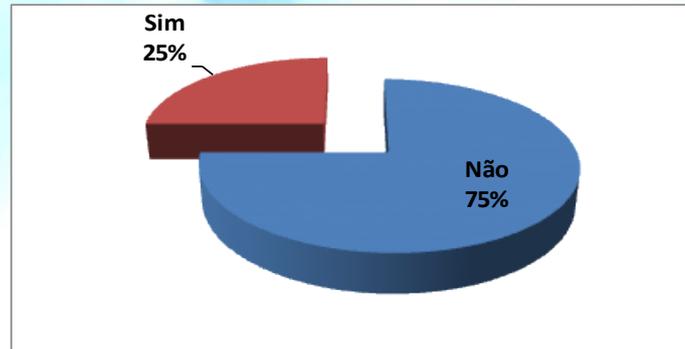
Através das respostas e afirmações dadas pelos graduandos entrevistados observou-se que eles sabem da importância de se conhecer a Educação de Jovens e Adultos para sua formação profissional, porém isso não significa que essa modalidade seja alvo de discussão durante as aulas ou que os discentes sejam incentivados para pesquisar ou mesmo realizar algum tipo de atividade juntamente com os alunos.

À vista disso, no primeiro momento os discentes foram questionados se haviam recebido alguma informação direcionada para a



Educação de Jovens e Adultos, o que ficou evidente que poucos graduandos tiveram algum tipo de preparação para ministrar aulas para a modalidade. As respostas estão expressas na Figura 1.

Figura 1: Posição dos graduando a cerca do recebimento de informação sobre a EJA.



Fonte: (Do autor, 2016)

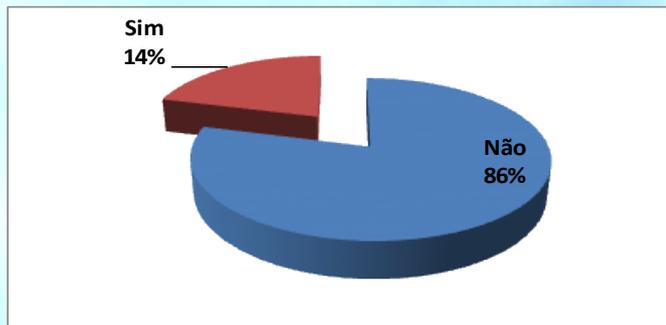
A grande porcentagem negativa demonstra o problema discutido até o momento. Os discentes que estão a ponto de iniciar sua vida profissional basicamente não têm como suporte o conhecimento trivial sobre a modalidade EJA, mesmo que já tenham cursado disciplinas pedagógicas. Disciplinas essas denominadas práticas pedagógicas que possui como objetivo discutir sobre novas práticas para que a as aulas de Química se tornem melhores e atrativas.

Mesmo sendo um componente curricular de extrema importância, ainda deixa a desejar, pois através da Figura 1, pode-se observar que as práticas trabalhadas não são voltadas para a EJA, resultando assim, em profissionais preparados apenas para reproduzir conceitos e aulas monótonas para os alunos dessa modalidade.

Os graduandos que responderam sim ao questionamento salientaram que as informações transmitidas não foram suficientes para que bases concretas fossem criadas.

Ademais, não há incentivo por partes dos docentes que ministram essas disciplinas para que os graduandos desempenhe alguma atividade ou até mesmo realizem o Estágio em turmas da EJA. Esse fato pode analisado através dos resultados apresentados na Figura 2.

Figura 2: O recebimento de incentivo para realizar atividades ou ministrar aulas na modalidade EJA.

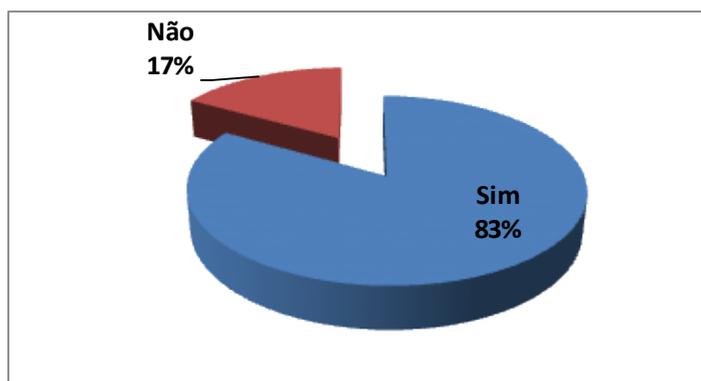


Fonte: (Do autor, 2016)

Grande parte dos graduandos quando questionados quanto ao recebimento de incentivos, por partes dos professores que ministram a disciplina Estágio, para atuar na EJA responderam negativamente, não tendo a chance de usufruir dessa disciplina da maneira adequada, que seria conhecer na prática o campo que irão atuar quando formados, desconstruindo dessa forma, os pré-conceitos que muitos licenciandos possuem da EJA, e que fazem estes sentirem receio de ministrar aula nessa modalidade. Ora, se o estágio carrega consigo pontos tão positivos porque não realizá-lo de maneira completa?

O fato é que os Educadores precisam colocar em suas ementas a existência dessa modalidade, pois muitos dos graduandos almejam ministrar aulas na EJA, isso pode ser observado na Figura 3.

Figura 3: Respostas dos discentes em relação ao desejo de ministrar aulas na EJA.



Fonte: (Do autor, 2016)

No terceiro questionamento foi levantado se os graduandos almejavam ministrar aulas na modalidade EJA. Constatou-se uma porcentagem positiva para esse parâmetro da pesquisa. Pode-se perceber que mesmo não recebendo uma formação completa ou adquirindo base para trabalhar com a modalidade, grande parte dos discentes



têm vontade sim de ministrar aulas. E diferentes dos professores das disciplinas pedagógicas, os graduandos enxergam a EJA como uma modalidade de Educação e reconhecem o quanto podem aprender tendo contato com a mesma.

Esse último fato foi diagnosticado, através da proposta para que os discentes dissertassem o porquê de desejarem trabalhar com a EJA e foram obtidas respostas como:

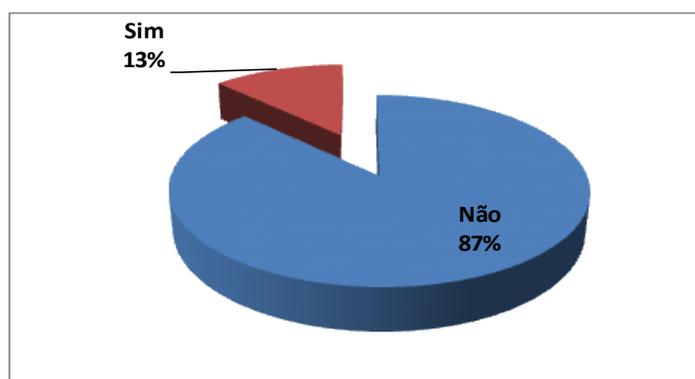
“Porque também são alunos e precisam do conhecimento de Química. Não vejo problema algum em ministrar aulas na EJA”.

“É uma experiência rica de aprendizagem tanto para a turma quanto para o professor”.

“Porque assim como qualquer outra turma, a EJA é composta por pessoas que buscam aprender, e eu, como futura professora pretendo ensinar a todos aqueles que buscarem aprender”.

A continuidade dos questionamentos foi dada com uma indagação, que objetivou fazer com que os graduandos refletissem se realmente estavam preparados para ministrar aulas na Educação de Jovens e Adultos, tendo como base os conhecimentos recebidos durante sua formação até o momento. As respostas estão expressas na Figura 4.

Figura 4: Opinião dos alunos sobre estarem preparados para ministrar aulas na EJA com base nas informações recebidas.



Fonte: (Do autor, 2016)

Os resultados obtidos apresentaram uma porcentagem negativa, a qual já era esperada, por haver correlação com os resultados observados na Figura 1. Dessa forma, se grande parte dos graduandos entrevistados assinalaram que não obtiveram informações acerca da EJA, conseqüentemente não estão preparados para ministrar aulas para a modalidade. E mesmo aqueles que afirmaram ter recebidos conhecimentos

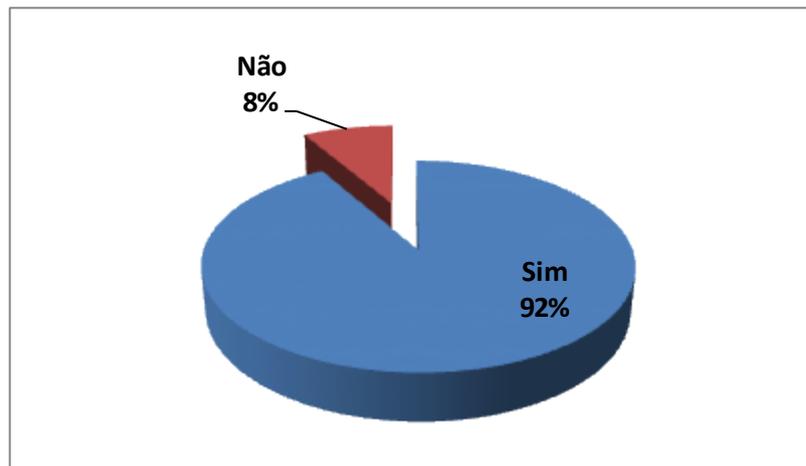


sobre essa temática, salientaram que ainda assim, não se consideravam preparados, pois não foi o suficiente, deixando claro que “*A EJA necessita de uma forma de ensino específica*”, afirmativa mencionada por um dos entrevistados.

Não se sentir preparado para trabalhar com uma área específica da própria profissão é bastante preocupante, já que o resultado disso não será positivo nem para o professor nem para os alunos.

Provavelmente os futuros professores têm consciência dessas consequências negativas, pois ao serem indagados se gostariam de ter recebido mais informações voltadas para a EJA, a maioria dos entrevistados responderam positivamente. A porcentagem das respostas está expressa na Figura 5.

Figura 5: Concordância dos discentes a favor da discussão sobre a modalidade EJA.



Fonte: (Do autor, 2016)

Ter consciência de que a sua formação precisa ser ampliada e de que o que foi oferecido pela universidade não é suficiente, é um passo muito grande e positivo para que ocorram mudanças no âmbito Educacional, principalmente quando se trata da EJA.

Ao passo que os futuros professores demonstraram estarem conscientes de que necessitam e que gostariam de receber uma formação voltada também para a modalidade EJA, pode-se concluir que os discente sabem da grande importância que se tem em estarem preparados antes de atuar em sala de aula e o quanto isso pode vir a influenciar o ensino-aprendizagem dos alunos.

Quando perguntados aos alunos o porquê das suas respostas, algumas afirmativas foram dadas:



“Porque mais informações contribuiriam para a minha formação, e assim eu estaria preparada para lidar com as aulas e alunos quando fosse necessário ministrar aula na EJA”.

“Porque como profissional da educação devemos estar preparados para qualquer desafio e experiência que surgirem”.

“Pois é uma modalidade diferente e necessita de uma atenção maior por parte dos professores”.

“Porque desta forma eu conheceria melhor as dificuldades encontradas por eles (alunos), e poderia ajudar quando fosse ministrar aulas para esses alunos”.

CONCLUSÃO

Após a análise das respostas fornecidas pelos graduandos, constatou-se que apenas uma parcela mínima de discentes do curso de Licenciatura em Química é apresentada ao EJA a partir das disciplinas de cunho pedagógico da graduação. A falta de informação sobre a modalidade não impede que a maioria dos entrevistados almeje ministrar aulas para a Educação de Jovens e Adultos em algum momento da sua vida profissional, entretanto, deverão antes disso, procurar uma formação continuada para estarem, de fato, preparados para trabalharem com a EJA, já que os próprios estão conscientes de que dominar os conteúdos da Química não é suficiente para obter bons resultados.

A modalidade EJA precisa ser trabalhada e apresentada aos alunos como uma possível área de trabalho e não como última opção na sua área de atuação. Além disso, é necessário que os docentes responsáveis por ministrar disciplinas pedagógicas tenham consciência da grande importância da discussão dentro da sala de aula sobre essa modalidade de ensino e o quanto isso pode mudar a situação vivida pelos alunos.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, H. W. P; BATISTA, A. P. L; RIBEIRO, C. M. **Ensino e Aprendizado de Química na Perspectiva Dinâmico-interativa.** Experiências em ensino de ciências p. 36-47, 2007. Disponível em:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

http://www.if.ufrgs.br/public/eenci/artigos/Artigo_ID45/v2_n3_a2007.pdf. Acesso em: 30 Jul. 2016.

COURA, Isamara Grazielle Martins. **A terceira idade na Educação de Jovens e Adultos: Expectativas e motivações**. 2007. 141f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**-21ª Edição- São Paulo. Editora Paz e Terra, 2002.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.

LOPES, Selva Paraguassu; SOUZA, Luzia Silva. EJA: uma educação possível ou mera utopia? **Revista Alfabetização Solidária (Alfasol)**. São Paulo, v. 5, 2005. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaPLopes.pdf> Acesso em: 30 Jul. 2016.

MACHADO, Maria Margarida. Formação de professores para EJA: Uma perspectiva de mudança. **Periódicos da área de Educação – Revista Retratos da Escola**. Brasília, v. 2, n. 2-3, p. 161-174, jan./dez. 2008.

MEDEIROS, A. S.; MORAIS, A. E. R.; et.al. importância das aulas práticas no ensino de química. **IX congresso de iniciação científica do IFRN**. 2013. 6 p.

MONTEIRO, Albenê Lis. Formação, didática e pesquisa nos cursos de formação de professores. **Programa de Pós-graduação Educação em Educação do Pará – Revista Cocar**. Belém, v.10, n. 19. 27 p, jan./jul. 2016.

PILLETI, Nelson; ROSSATO, Solange Marques. **Psicologia da aprendizagem: da teoria do condicionamento ao construtivismo**. São Paulo: Contexto 2011.

SCARAMUSSA, Karla Rodrigues; ÁLVARO, Giselda dos Santos. A formação de professores em EJA: teoria e prática - unidade em permanente construção. **Revista Alfabetização (alfasol)**. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/st1-karlasaramussa_giseldasalvao_formprofs.pdf> Acesso em: 30 Jul. 2016.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

SILVA, Maria do Carmo Batista; TAAM, Regina. **O idoso e os desafios à sua educação escolar.** In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PROGRAM DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO. **Anais...** Maringá: UEM/DFE/DTP/PPE. Junho, 2009. 12p.